

EDITORIAL

Crítica Come On & Ana**Come On & Ana Review**

 **Filipe Palavra** ^{1,2,3,*}

1-Centro de Desenvolvimento da Criança – Neuropediatria, Hospital Pediátrico, Unidade Local de Saúde de Coimbra, Coimbra, Portugal
2-Laboratório de Farmacologia e Terapêutica Experimental, Instituto de Investigação Clínica e Biomédica de Coimbra (iCIBR), Faculdade de Medicina, Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal
3-Centro Académico Clínico de Coimbra, Coimbra, Portugal

DOI: <https://doi.org/10.46531/sinapse/AP/184/2025>

No universo labiríntico e fascinante da camonologia já praticamente tudo foi dito. Luís Vaz de Camões nasceu há 500 anos e é, sem dúvida, o maior poeta português de todos os tempos. Pelo menos até agora... Mas convenhamos que, se em 500 anos de história não conheceu a luz do dia qualquer obra que ombreasse com *Os Lusíadas* (e este é o momento em que, enquanto cidadão português, me rendo à absoluta majestade da *magnum opus* que tão singelamente invoco), não será fácil vislumbrar que venha a suceder tal coisa quando a Língua Portuguesa tem vindo a sofrer atropelos violentos e ostensivo menosprezo pela sociedade que placidamente habitamos. E isto tem especial impacto nas crianças e nos adolescentes que, para o bem e para o mal, serão a garantia de que se mantenha viva a matriz a que damos o nome de Língua.

O estudo d'*Os Lusíadas* inicia-se no 9º ano de escolaridade, havendo nos programas de ensino da Língua Portuguesa muitas oportunidades prévias de contacto com o texto poético (e bem, diga-se). Entendem os pedagogos que a maturidade intelectual de alunos com 14 ou 15 anos de idade será já adequada para absorver alguma da genialidade da poética camoniana, sendo que a experiência de contacto com a lírica e com a épica do mesmo gigante da Língua Portuguesa se prolonga pelo ensino secundário (e, mais uma vez, bem). Não seja por falta de oportunidade que os alunos não contactem com alguns dos versos mais bonitos alguma vez escritos na língua de Camões! Mas bastará perguntar (e faça-o muitas vezes), na consulta de Neurologia Pediátrica, a muitos dos adolescentes que a ela acorrem qual a disciplina mais problemática do respectivo currículo escolar e, não surpreendentemente (mas muito infelizmente), a Matemática e a Língua Portuguesa partilham quase sempre o cimeiro lugar. Se o nível de abstracção necessário à aprendizagem da Matemática (e também o treino indispensável para apreender os conteúdos leccionados) podem facilmente explicar o insucesso de turmas de estudantes, é-me particularmente difícil aceitar que a Língua Portuguesa figure entre as disciplinas escolares mais odiadas. Afinal, não dizia o desassossegado Bernardo Soares, *quasi*-heterónimo de Fernando Pessoa, que “Minha pátria é a língua portuguesa”? O que estamos a ensinar às nossas crianças nas escolas que as afasta dramaticamente da leitura, da Língua que falam e da escrita que deveriam cultivar? Quantas vezes teremos ainda mais que ouvir que “o Inglês é muito melhor! *Come on!*”, “a música inglesa é que é top” ou que “tipo, o Espanhol, é que é tipo mais tipo fácil...”? (Sendo que o “Espanhol” nem sequer existe formalmente, enquanto idioma...) Quantas vezes será necessário ouvir em circunlóquio o vulgar “tipo” numa frase para que ecoem alarmes na consciência colectiva e percebamos que o ensino em Português carece de uma reformulação profunda? A mensagem não parece estar a passar, nem mesmo a que foi escrita por Fernando Pessoa e figura também entre as obras mais bonitas e impressionantes da literatura portuguesa! É certo que não nos referiremos a Portugal como uma “ocidental praia lusitana”, nem

Informações/Informations:

Editorial, publicado em Sinapse, Volume 25, Suplemento 2, agosto 2025. Versão eletrónica em www.sinapse.pt; Editorial, published in Sinapse, Volume 25, Supplement 2, August 2025. Electronic version in www.sinapse.pt
© Autor (es) (ou seu (s) empregador (es)) e Sinapse 2025. Reutilização permitida de acordo com CC BY-NC 4.0. Nenhuma reutilização comercial.
© Author(s) (or their employer(s)) and Sinapse 2025. Re-use permitted under CC BY-NC 4.0. No commercial re-use.

Palavras-chave:

História do Século XVI;
Literatura.

Keywords:

History, 16th Century;
Literature.

***Autor Correspondente / Corresponding Author:**

Filipe Palavra
Centro de Desenvolvimento da Criança – Neuropediatria
Hospital Pediátrico
Avenida Afonso Romão
3000-602 Coimbra, Portugal
filipepalavra@gmail.com

Recebido / Received: 2025-08-04

Aceite / Accepted: 2025-08-05

Publicado / Published: 2025-08-19

invocaremos Mercúrio como “o gentil neto do velho Atlante” na língua falada, no dia-a-dia (duvido mesmo que tenhamos necessidade de invocar Mercúrio...). Mas se não se ensinar a beleza de uma sinédoque ou de uma perífrase, a natureza exagerada de uma hipérbole, a musicalidade de uma aliteração ou a proximidade de uma metonímia, como podem as nossas crianças entender a subtilidade e as cambiantes da vida, para lá do sentido meramente literal das palavras que a definem?

Será este, na essência, um problema de didáctica e pedagogia do texto literário? Talvez... Não caberá à escola e ao professor facultar aos alunos a totalidade dos textos escritos por um determinado autor... Mas talvez tenha caído a pedagogia da admiração e do espanto (e bem sabemos que filosofia dele nasce...). A leitura superficial e matizada de “critérios de interpretação e de correcção” poderá estar a suplantar a leitura inferencial. Ler e interpretar são verbos a cair em desuso na leccionação da Língua Portuguesa, para dar lugar a memorizar e repetir enquadramentos mais ou menos padronizados de algo que tem que ser assim para poder cumprir os mínimos. A expressão escrita e a capacidade inferencial são competências necessárias à vida em sociedade... Se não habituamos os alunos a desenvolvê-las, estaremos à espera que seja o algoritmo a organizar a nossa sociedade futura? Estarão as distopias de Orwell (1984) e de Huxley (*Admirável Mundo Novo*) cada vez mais próximas de serem consumadas? “Que escuro vai dentro de nós”, canta Rui Veloso em *A gente não lê...*

Não há nada de novo (mas há muito de preocupante) em afirmar que os conteúdos digitais estão a suplantar os literários. A interpretação de *Os Maias* poderá estar a ser corrompida pela resposta “Vi o filme!” à pergunta “Leste *Os Maias*?”. O génio de um dos maiores nomes do Realismo do século XIX português poderá estar a competir com o que sai da lâmpada mágica de Aladino, se o alinhamento do algoritmo assim o proporcionar...! Ana dos Cabelos Ruivos, Maria Eduarda, Lianor (que

descalça vai para a fonte) e outras protagonistas femininas correm o risco de se fundir numa equação irresolúvel de confusão algorítmica. *Come on...!*

Semelhantes dislates não podem nem devem continuar a acontecer. Urge repensar o pensamento orientador do ensino da leitura, da escrita e da Língua. Se “a linguagem é a casa do ser”, nas palavras de Martin Heidegger, não devemos ansiar pelos mínimos – precisamos do melhor que a nossa Língua pode oferecer, ela que cruzou os mares e une cerca de 260 milhões de pessoas numa História comum.

Camões cruzou o plano da História com a Mitologia, com a Narrativa da viagem do Gama e com as Reflexões do Poeta numa obra plena de complexidade, densidade e sentidos interpretativos. A Neurologia oferece apenas mais um, nos textos que se seguem! Volvidos quase 500 anos da publicação de *Os Lusíadas*, ainda é possível olhar para a obra e ver conceitos de neurociência moderna nela impressos, como se Camões tivesse estudado os meandros do funcionamento cerebral para densificar a personalidade dos seus heróis épicos. Mergulhemos, pois, nas palavras do poeta e deixemos a hermenêutica fazer o resto. Sejamos capazes de contrariar a superficialidade e o ócio dos *camones* estivais, para voltar a ler. Isso é abertura, compreensão e partilha. *Come on!* ■

Responsabilidades Éticas

Conflitos de Interesse: Os autores declaram a inexistência de conflitos de interesse.

Apoio Financeiro: Este trabalho não recebeu qualquer subsídio, bolsa ou financiamento.

Proveniência e Revisão por Pares: Solicitado; sem revisão externa por pares.

Ethical Disclosures

Conflicts of Interest: The authors have no conflicts of interest to declare.

Financial Support: This work has not received any contribution grant or scholarship.

Provenance and Peer Review: commissioned; without external peer review.